

CIDADE, TRABALHADORES E HISTÓRIA ORAL: APONTAMENTOS SOBRE AS MUITAS MEMÓRIAS DA FORMAÇÃO DE TOLEDO-PR (1940-1990)

Jiani Fernando Langaro¹

Resumo: O texto aborda trajetórias de trabalhadores nascidos no Oeste paranaense, filhos de famílias *caboclas* e *paraguaias*, que, ainda na década de 1940, se mudaram para a zona rural daquele que viria a ser o município de Toledo, estado do Paraná. O objetivo é tratar das trajetórias desses sujeitos no local, dando visibilidade àqueles que para ali mudaram a fim de trabalhar, não tendo se tornado proprietários rurais ou urbanos, os quais costumam ser eclipsados nas memórias da cidade. Com recurso à metodologia de trabalho com história oral, procura-se analisar as lembranças dos narradores, principalmente seus diálogos com as *memórias públicas* da cidade. Ao fim, constata-se que as recordações do passado revelam lutas por espaço empreendidas por esses sujeitos e seus grupos sociais, sendo a memória um campo de disputas políticas e sociais.

Palavras-Chave: paraguaios; caboclos; indústrias; campo e cidade; trabalho.

CITY, WORKERS, AND ORAL HISTORY: NOTES ABOUT THE DEVELOPMENT PLURAL MEMORIES OF TOLEDO-PR (1940-1990)

Abstract: This essay approaches the life path of those West Parana workers, that belonged to *caboclas* and paraguayans families, who, in the 1940s, migrated to the countryside of Toledo, state of Parana. The aim here is to discuss these people's local stories, and to give visibility to those who changed their homes to go to that place to work, instead of becoming a rural or urban property owner; people who are generally forgotten in the city's memories. With the method of Oral History, it is possible to analyze the narrators' minds, specially their dialogues concerning the city's *public memories*. At the end, it is possible to infer that the past recollections show fights for space held by these people and their social groups, as well as that memory is considered a politic and social dispute field.

Keywords: paraguayans; caboclos; industries; countryside and city; work.

* O texto é oriundo do projeto de pesquisa "História, Memória e Cidade: Culturas, trajetórias de vida e lutas por direitos no Brasil Contemporâneo", registrado do âmbito da Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PRPI) da UFG, Universidade Federal de Goiás.

¹ Bacharel e licenciado em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU e doutor nesta mesma área pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Professor adjunto dos cursos de licenciatura e bacharelado em História e do Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de História – FH, da Universidade Federal de Goiás – UFG e docente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Grande Dourados – UFGD. E-mail: jflangaro@gmail.com

Introdução

O texto problematiza as relações entre História e memória no município de Toledo, estado do Paraná, e toma como foco as narrativas de dois trabalhadores que ali viveram desde a década de 1940, cujas trajetórias evidenciam a pluralidade social e cultural dessa sociedade, ainda nos primórdios da fundação (oficial) da cidade. As *memórias públicas* (GRUPO MEMÓRIA POPULAR, 2004) versam sobre um lugar fundado em 1946, por uma companhia colonizadora privada, a Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S. A. (Maripá), de cujo processo teriam sido protagonistas migrantes vindos dos demais estados do sul do país, descendentes de europeus. Neste artigo, procuramos evidenciar a presença de outros sujeitos na cidade, em especial aqueles que já habitavam a região na década de 1940, em especial os *paraguaios*² e os *caboclos*,³ populações *sertanejas*,⁴ que habitavam a região na primeira metade do século XX. Nesse intento, não nos detemos em um período cristalizado da história local, haja vista que as trajetórias dos narradores escolhidos atravessaram diferentes temporalidades da cidade. Eles também têm o diferencial de terem vivido em Toledo como *trabalhadores*, personagens que, embora presentes, aparecem de maneira secundária nas *memórias públicas* locais.

Assim, realizamos um contraponto entre essas narrativas orais e as *memórias públicas* da cidade, em uma perspectiva *relacional*, de maneira semelhante ao que propõe o Grupo Memória Popular (2004: 286):

(...) gostaríamos de enfatizar que o estudo da memória popular não pode se restringir somente a este nível. Este é necessariamente um estudo relacional. Deve-se incluir tanto a representação histórica dominante no âmbito público quanto procurar ampliar ou generalizar experiências subordinadas ou privadas. Como todas as disputas, deve ter dois lados. Nos estudos concretos, memórias privadas não podem ser facilmente

² O termo *paraguaio*, neste caso, identifica um grupo étnico marcado pela mestiçagem entre indígenas guarani e elementos hispano-americanos, não significando, necessariamente, que esses trabalhadores tenham nascido no Paraguai.

³ O vocábulo *caboclo* é utilizado para definir populações luso-brasileiras, resultado de mestiçagens entre brancos, indígenas e/ou negros, as quais habitavam os chamados *sertões*, como eram chamadas as regiões do Oeste paranaense durante a primeira metade do século XX. Sobre o conceito, ver: BATISTELLA (2014), MARQUETTI; SILVA (2015) e MONDARDO (2008).

⁴ Chamamos de *sertanejos*, neste texto, as populações que já viviam no Oeste paranaense antes do período colonizatório das décadas de 1940, 1950 e 1960, tais como caboclos, paraguaios, indígenas, dentre outros.

desvinculadas dos efeitos dos discursos históricos dominantes. Muitas vezes são estes que suprem os próprios termos por meio dos quais uma história privada é pensada.

Evitamos, porém, utilizar o termo *memórias privadas* para não dicotomizar a realidade estudada, que se releva bem mais complexa. Assim, pretendemos compreender as relações entre o que chamamos de *memórias públicas* e as narrativas orais, não em uma perspectiva que pressupõe um embate entre duas memórias diferentes e/ou opostas, e sim nas relações que os narradores estabelecem com as versões em circulação na sociedade local.

Nesta dimensão, muito nos inspira o trabalho de Alistair Thomson, realizado com os veteranos australianos da Primeira Guerra Mundial (os *Anzacs*). A participação em tal conflito tornou-se a data nacional da Austrália, com direito a feriado nacional e a toda uma construção de memórias no âmbito nacional. Ao realizar seus estudos de história oral com ex-combatentes da classe trabalhadora, em busca de uma memória oposta àquela circulante nos meios oficiais, o autor encontrou:

(...) as entrevistas indicaram também que as reminiscências dos soldados da classe trabalhadora estavam entrelaçadas com a lenda sobre sua vida, e que os veteranos haviam adotado e utilizado a lenda dos *Anzacs* exatamente porque ela tinha muita repercussão e porque era útil às suas próprias reminiscências. Durante sessenta anos, grande parte desses homens tinha pertencido a associações de veteranos e participado dos desfiles em comemoração ao Dia dos *Anzacs*. Muitos tinham lido a história oficial sobre a guerra e contavam casos como se estes fizessem parte de suas próprias experiências. Em algumas entrevistas eu tinha a impressão de estar ouvindo a leitura do script do filme de guerra australiano *Gallipoli*. As lembranças eram também reformuladas de acordo com as situações do cotidiano e com as emoções. Os debilitados e solitários velinhos às vezes sentiam-se ansiosos por relembrar a camaradagem do exército ou as aventuras da guerra e por reafirmar a viril juventude e o orgulho e identidade *Anzac*.

Fiquei fascinado com a relação entre a lenda dos *Anzacs* e as reminiscências dos *diggers* e, em vez de simplesmente – ou ingenuamente – contestar a lenda, eu agora queria compreender como e por que ela influenciava ou não os ex-combatentes (THOMSON, 1997: 55-56).

De maneira semelhante a Thomson, não quisemos *desmentir* as *memórias públicas* de Toledo, confrontando-as com as dos narradores escolhidos, mas compreender como eles produzem suas lembranças em um diálogo com aquelas memórias (oficiais). Dessa forma,

valorizamos o *novo* que as narrativas trazem sobre o processo histórico de formação da cidade, mas também analisamos as reafirmações de temas já consagrados nas memórias locais, com o objetivo de refletir sobre os significados desses movimentos.

Em Toledo, as *memórias públicas* são construídas por meio de livros de memórias, do ensino de História, de projetos e entidades culturais – como o Museu Histórico “Willy Barth” de Toledo –, esculturas dispostas em parques e praças, além de inúmeros logradouros públicos devotados às memórias da *colonização* e de materiais divulgados pela mídia local, em especial a imprensa, que, todo ano lança cadernos comemorativos à emancipação da cidade⁵. Os moradores têm acesso a essas versões do passado, pois elas se encontram em circulação na cidade, sendo, portanto, de amplo conhecimento.

Temos como inspiração para este trabalho, além das obras já citadas, a considerável produção em história oral brasileira. Verena Alberti (2008), grande incentivadora da área no país, aponta para as profícuas contribuições dos diferentes momentos vividos pela historiografia oralista, destaca como a história social e os estudos sobre os grupos minoritários (sob o ponto de vista das relações de poder) foi importante para desvelar novos campos de investigação e para valorizar as falas dos entrevistados, no interior de uma historiografia muito pautada no uso de documentos escritos. Por outro lado, lembra aos historiadores de sua missão de analisar as fontes e não simplesmente incorporá-las acriticamente.

Outra referência de grande importância é Yara Aun Khoury (2001), que concebe a memória como terreno de disputas e as narrativas orais como expressão de processos da consciência de sujeitos históricos, em sua experiência social. A autora propõe a realização de estudos que não dicotomizem cultura e relações sociais, e que compreendam as relações de poder que permeiam o ato de recordar. Tais concepções permeiam todo nosso texto, que dialoga com as categorias de cultura e memória sem perder de vista as relações sociais no interior das quais os narradores se inserem e produzem seus relatos orais.

⁵ A mídia local é composta por emissoras de rádio e TV, além de diversos periódicos, todos com foco em temas referentes à cidade de Toledo e ao Oeste do Paraná. Especificamente sobre os jornais, notamos ser recorrente a publicação de editoriais que utilizam o período da colonização como inspiração para a resolução de problemas contemporâneos ou para angariar apoio a alguma causa (como a conquista de obras de infraestrutura junto aos governos estadual e federal). Além disso, todo mês de dezembro, no aniversário de emancipação de Toledo, a imprensa publica edições comemorativas, com textos históricos remissivos à fundação da cidade. Dois exemplos desta tendência do periodismo local podem ser encontrados em: AEROPORTO REGIONAL... (1999) e COLONIZAÇÃO DE... (2002).

Iniciativas que articulam cultura e relações sociais em estudos sobre grupos populares e de trabalhadores, preocupadas com suas vidas urbanas, que tomam as narrativas orais como fonte principal de estudos, já foram desenvolvidas anteriormente e compõem linhas de investigação consolidadas no Brasil. Um trabalho significativo, neste campo, é o de Célia Toledo Lucena (1999), que estuda trajetórias de migrantes oriundos de Minas Gerais na formação do Jardim Barbacena, em São Paulo. A historiadora faz uma conexão entre o uso da história oral e sua concepção de história, que evita tratar os migrantes como vítimas da exclusão social ou como quem foi *desenraizado* de sua terra natal. Sem contornos trágicos, os compreende como sujeitos do processo migratório, como quem lê e interpreta a realidade vivida e como quem possui uma cultura em transformação, repleta de hibridismos e justaposições que se forjam nos deslocamentos. Dentro dessa proposta entram as fontes de pesquisa:

Assim, a história oral representa a realidade com as respectivas diferenças, explora as relações entre memória e história, coloca em evidência os atores de sua própria identidade, reconhece que as lembranças são as artes do indivíduo e redimensiona as relações entre passado e presente (...) (LUCENA, 1999: 24).

A função da história oral, no trabalho de Lucena, é revelar como os narradores refletem sobre os processos migratórios e como seus relatos ajudam a compreender o processo dinâmico de construção e reconstrução de identidades. Tal recurso permite à autora dialogar com os migrantes com que, de fato, se deparou no Jardim Barbacena, ao invés de incorporar ao seu estudo estereótipos vitimizadores que, se por um lado são bem intencionados, por outro despotencializam as pessoas que migram, em sua capacidade de reconstruir suas vidas em meio aos deslocamentos.

Outro trabalho, nessa linha, especificamente sobre o Oeste do Paraná, foi desenvolvido por Robson Laverdi (2005), acerca da cidade de Marechal Cândido Rondon-PR, no qual desnuda diferentes sujeitos e experiências na formação da cidade e enfatiza a diversidade social e cultural que compôs historicamente o local. O autor também chama a atenção para a artificialidade de construções temporais fixas, criadas pela historiografia regional – como a *colonização* – que não dão conta das formas como as pessoas

entrevistadas compreendem e organizam os tempos de suas vidas, tampouco contribuem para reconhecer o caráter de sujeito do ato de migrar expresso e reivindicado por elas.

Dentro de espírito semelhante escrevemos este texto. Para tanto, focalizamos as trajetórias de Lázaro e José, trabalhadores que cresceram no local que viria a ser o município de Toledo. Lázaro, na época da entrevista – realizada em 20 de janeiro de 2009 – , contava 66 anos e estava aposentado. Nasceu em 1943, no Oeste paranaense – antes mesmo da fundação de Toledo (ocorrida em 1946) –, na localidade de Gramado. Seu pai era paraguaio e sua mãe argentina, e ambos trabalhavam na exploração de erva-mate na região. Posteriormente, sua família se mudou para Porto Britânia,⁶ onde seu pai passou a trabalhar para a Maripá, no embarque de madeira. A narrativa revela um sotaque carregado, um sinal de que sua língua materna não é o português. Como relatou, na casa de seus pais falava-se muito o espanhol, e ele mesmo também fala guarani. José, por sua vez, possuía 72 anos quando o contatei, em 12 de janeiro de 2009, em sua casa, no Jardim São Francisco, época em que já se encontrava aposentado. Nascido em Pitanga, no centro do estado do Paraná, sua família mudou-se para Laranjeiras do Sul e, por volta de 1946, para Toledo, quando então possuía apenas oito anos de idade. A decisão de abandonar Laranjeiras do Sul possivelmente ocorreu em razão da crise que se abateu sobre o local, após deixar de ser capital do Território Federal do Iguaçu, dissolvido na constituinte daquele mesmo ano.⁷ Esse movimento não foi algo isolado, pois, como constatamos em livros de memorialistas, outras famílias de Laranjeiras do Sul também se dirigiram a Toledo, na década de 1940.⁸

As duas narrativas em questão são indicativas do processo complexo de formação e crescimento da cidade de Toledo. Também sinalizam para a grande diversidade de trajetórias vividas pelos inúmeros trabalhadores que viveram no local, a partir da década de 1940.

⁶ Antiga localidade rural de Toledo, que, em 1960, passou a integrar o território do município de Marechal Cândido Rondon, quando este é desmembrado de Toledo. Em 1982, o Porto Britânia foi inundado para a construção da usina hidrelétrica de Itaipu.

⁷ O Território Federal do Iguaçu existiu entre 1943 e 1946, congregava áreas dos estados do Paraná e de Santa Catarina. Criado durante o *Estado Novo*, teve curta duração, sendo extinto na constituinte de 1946. Como capitais, teve as cidades de Foz do Iguaçu e, posteriormente, Laranjeiras do Sul. In: WACHOWICZ (1982).

⁸ Marcelo Grondin cita entrevista realizada com Inês Lorandi, cuja mãe, Virgínia Deparis, foi proprietária do primeiro hotel de Toledo. Sua narrativa aponta para a necessidade da família em deixar Laranjeiras do Sul, onde também possuíam um hotel, em virtude da diminuição de sua clientela, atribuída à extinção do Território Federal do Iguaçu. In: GRONDIN (2007).

Toledo: cidade das serrarias e dos trabalhadores

É recorrente, na historiografia sobre o Oeste do Paraná, tratar-se a década de 1970 como um divisor de águas no processo histórico local, como a passagem do período das *colonizações* para o da *agricultura moderna*, efetuada pela *mecanização da agricultura*. Em Toledo, essas transformações compuseram um duplo enredo, por um lado, aponta-se a decadência social da cidade, com o aumento da pobreza e a expansão dos bairros periféricos, criados sem planejamento (SILVA; BRAGAGNOLLO; MACIEL, 1988; FERREIRA, 1974). Em outra direção, se saúda tal período como o grande salto econômico em que a cidade saiu da crise da década de 1960 e se tornou um polo agroindustrial (PUJANÇA ECONÔMICA, 1974).

Emílio GONZALEZ (2003/2004), ao tratar da historiografia de Marechal Cândido Rondon – em que se costuma interpretar a história local de maneira semelhante à história de Toledo, com o estabelecimento de uma cronologia dividida em fases estanques –, aponta para os riscos de se pensar a década de 1970 como o grande marco histórico da emergência da pobreza e dos problemas sociais na região. No nosso caso, podemos ser levados a pensar que é apenas nesse período que assistimos a chegada de trabalhadores pobres à cidade. Como alerta González, poderíamos, dessa maneira, cair na falácia de conceber o período anterior como um tempo áureo para o município, quando todas as pessoas eram prósperas e viviam em harmonia, algo contra o qual testemunha a própria *Vila Brasil*, criada desde os princípios da fundação da cidade, como bairro para onde foram morar os trabalhadores das empresas colonizadoras, serrarias e madeireiras, um atestado da presença dos trabalhadores e da pobreza na cidade desde seus primórdios.

Entendemos que, a partir da década de 1970, a presença de trabalhadores pobres na cidade apenas se tornou mais visível e passou a ser considerada, pelos setores *hegemônicos* (WILLIAMS, 1979) do lugar, como problema social a ser resolvido. Seu afluxo em grande número para a cidade e a formação de bairros periféricos acendeu uma série de debates, muito embora tal quadro apenas intensificou uma pauperização que já existia no local.⁹ Voltaremos a esta questão adiante, na próxima seção deste artigo.

⁹ Exemplo de pauperidade na cidade é o bairro Vila Brasil. A esse respeito ver: NIDERAUER (2004), SILVA (1988) e BEAL (2009).

As trajetórias escolhidas para este texto reforçam a necessidade de se observar a presença de trabalhadores pobres na cidade ao longo de todo seu processo histórico. A narrativa de José, em especial, revela a trajetória de uma criança, filha de uma família de caboclos que viviam no Oeste do Paraná, ainda na década de 1940, que migrou para Toledo, onde trabalhou, cresceu, e constituiu sua própria família. A viagem de mudança do núcleo familiar de José e o de seu padrinho, oriundos de Laranjeiras do Sul, foi feita de carona, em um caminhão que realizava serviços na estrada:

É... viemos para Toledo e... assim de... mala nas costas, sem nada. Um caminhão, da BR e, do tempo que fazia as estradas à... à picareta. [...] Então, um caminhão na BR trouxe nós até Toledo. E não cobrou nada. E... daí então [silêncio] para nós chegar em Toledo gastamos... um dia e meio quase, foi um dia e pouco. Que era só estrada de chão, e atoleiro. [...] Tu ver... saía de um atoleiro entrava em outro.

Na fala de José ganham destaque determinados temas, como as dificuldades enfrentadas para chegar a Toledo, exemplificadas com a menção aos atoleiros e a demora para realizar o percurso entre Laranjeiras do Sul e Toledo – uma distância de aproximadamente duzentos quilômetros –, passagem em que, após um momento de silêncio, o narrador acelera a fala, indicativo de que tais dificuldades vividas no passado ainda mexem com ele, no presente, e fazem sentido em sua *experiência* (THOMPSON, 1981) de trabalhador pobre, que conseguiu atingir certa estabilidade econômica, tendo os filhos se tornado microempresários.

Cabe frisar que as memórias dele apresentam diversos elementos semelhantes às narrativas dos *primeiros tempos* da *colonização*, presentes em obras de memorialistas e em narrativas de sujeitos considerados *pioneiros*¹⁰ da cidade. Entretanto, José não se apresenta como *pioneiro*, mesmo tendo mudado para Toledo ainda na década de 1940, período considerado como de *fundação* do local. Ele também não integra o cadastro que o Museu

¹⁰ O termo *pioneiro* designa, em Toledo, os moradores que para ali se dirigiram no período da chamada *colonização*. O Museu Histórico “Willy Barth” de Toledo, amparado em legislação sobre o tema, considera como *pioneiro* os emigrados para o local entre a fundação da cidade, 1946, e sua emancipação, 1952. Porém, essas datas não são consensuais, mesmo porque as temporalidades das *colonizações* das localidades rurais do município são diversas daquelas trabalhadas pelo museu. Por outro lado, embora todos os migrantes enquadrados nesse período sejam considerados *pioneiros*, as *memórias públicas* do município privilegiam aqueles vindos dos demais estados do sul do país, descendentes de europeus, preferencialmente ligados à empresa colonizadora e/ou que adquiriam bens e ascenderam socialmente, no local.

Histórico “Willy Barth” de Toledo mantém, daqueles que seriam os *primeiros moradores do município*, não participa da festa anual organizada por esta entidade e nem faz parte da Associação de Pioneiros de Toledo (APITO).

Ao longo de sua narrativa, José apresenta o município a partir de outro olhar, do qual emerge não uma cidade latente – como muitas obras memorialísticas apresentam¹¹ –, mas um povoado, caracterizado não pelas áreas centrais, mas pela Vila Brasil, onde sua família morou. Trata-se de uma cidade narrada a partir do *lugar social* (VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 2007) que a família dele ocupou na nascente povoação:

Até que chegamos em Toledo. Lá o cara [motorista do caminhão] soltou nós aí na, na Vila Brasil, que chamava Vila Brasil antigamente, agora é [Vila] Operária. Viu? É para lá da ponte. [inaudível]. **Hum.** Ali é[ra] a serraria da Maripá. Única firma que é[ra] forte era a Maripá em Toledo, ali. Maripá. Ali é a serraria, forte né. Ali que, era povoado de Toledo, que tinha gente. Mas só... ranchinho de pau-a-pique, feito de costelinha de pinho. Serrava as, madeiras e as costeleiras de pinho assim, aquele refugio eles faziam casa. Faziam as paredes, cobriam com aquela, e dali era, ali a Vila Brasil; até no [bairro] Pinherinho ali é, era povoado de gente, mas só em, peão, empregado. [Inaudível] As casinhas cobertas de costeleiras, assoalho de chão, tudo. Ali o cara deixou nós ali e nós se vira[mos]. Que nós viemos pa... para trabalhar... para Toledo que era a fama, de que nós ia lá ganhar muito dinheiro. Aí nó[s], meu pai... meu padrinho, que era irmão do [meu] pai[,] que veio, fez duas mudanças, juntos, do... pai e do meu padrinho, fez mudança junto; mudança, não tinha nada! Só trouxeram a piizada [as crianças, os filhos], né? Aí chegamos em Toledo e ficamos.

Em suas memórias, o povoado de Toledo é caracterizado pela Vila Brasil, com suas residências em madeira, feitas de tábuas de pinho. As casas construídas com as sobras – o “refugio” – das serrarias marcam a paisagem criada pelo narrador, tomadas menos como sinal de precariedade e mais como características marcantes do exotismo do local, naquele período. Todavia, essas memórias também mencionam a pobreza, sem deixar de associá-la ao trabalho, pois, como frisa, todos na Vila eram “empregados”, provavelmente no intuito de demonstrar a boa índole dos moradores, ao ressaltar o trabalho, tomado como valor. Nesse ambiente, insere a trajetória de sua família, caracterizada como composta por pessoas pobres, que não tinham nada além dos filhos – como fala enfaticamente –, mas que

¹¹ A esse respeito ver: NIEDERAUER (2004).

chegaram à cidade com o intuito de trabalhar e ascender socialmente, na expectativa de “ganhar muito dinheiro”.

No começo do trecho relatado, José revive os fatos pretéritos, trata a Maripá e a serraria como *empresas fortes*, no presente, e não apenas no passado, o que indica o peso das entidades para a trajetória do narrador e para a configuração das relações de poder na própria cidade, uma vez que os remanescentes – sócios e diretores – daquelas empresas ainda se encontram ali, como parcela dos grupos dominantes locais, sendo tais empresas lembradas constantemente nas memórias locais.

A menção de José à pobreza e às dificuldades vividas pela família se consubstancia em um enredo de esforço, que culmina em sua ascensão profissional e social na cidade, como veremos adiante. Ao prosseguir em seu relato, o foco se volta para o labor do pai e do padrinho, atuantes no ramo de serraria, como trabalhadores braçais:

Daí vai arrumar serviço aonde? Era, época de mês de Janeiro. Ruim de serviço. Já estava fracassando ali... o serviço da Maripá[,] é[ra] só... derrubar pinheiro... e descascar o pinheiro e atorar a tora para fazer tabuinha. Sabe? No lugar de telha vai as tabuinhas. Para cobrir as, casas em Toledo aí. Era só tabuinha, então ali nós, o pai e o padrinho, pegaram este serviço. E é... lascar tabuinha, para a Maripá. Mas não era [inaudível] da firma [diretamente], já era de outro [empresário] que pegava e daí, pegaram os dois [o pai e o padrinho] para fazer né [o serviço], [inaudível] ganhar uma... mais da metade em cima do valor da gente, né, e ali continuamos.

José prossegue com as narrativas sobre as adversidades vividas pela família e aponta para as dificuldades em arrumar emprego, solucionado com o trabalho em serrarias produtoras de madeira destinada à construção de casas, no próprio local, e não voltada à exportação, portanto, um serviço menos rentável. Importante notar o termo “aí em Toledo”, que distancia o povoado do passado, sobre o qual falava, da cidade do presente, onde morava no momento da entrevista. Nessa passagem, o narrador parece falar de outra Toledo existente em tempos pretéritos, como que a acenar para as diferenças entre passado e presente. Logo na sequência, apresenta um trabalho de sua consciência, que aponta para a exploração vivida por seu pai e padrinho, em que os intermediários lucravam excessivamente sobre os serviços realizados.

Depois do trabalho na serraria, as duas famílias passaram a atuar em cerâmicas. Nesse momento José passa a se inserir na narrativa, como trabalhador, e torna o ofício de ceramista – desempenhado durante toda a vida – como enredo de sua fala:

E... daí então, trabalhamos uns quatro meses ali, eu acho. E daí apareceu um serviço na cerâmica, sabe, cerâmica de, fazer telha, tijolo, né? [...] Daí [um amigo da família] foi lá, falou com o homem [responsável pela cerâmica] e disse: “olha [pausa], [inaudível] dá para... mandar eles virem aqui, eles são, eles são em dois que trabalham. Daí tem o... piá [menino], mas o piá não aguenta, o piá”, que eu era pequeno, “ele não aguenta”, disse: “não [tem problema,] pode trabalhar aí”. [Inaudível] Então, daí foram, levaram nós lá. [...] Só tinha uma casa nova que eles tinham feito lá de... E já nós nos mudamos nas... nas duas famílias lá [juntas] naquela casa, e começamos a trabalhar ali e foi. Daí do [da Cerâmica do] Mezzomo, [fomos] para [outra cerâmica n]o outro lado da ponte [...]. Daí nos mudamos e ficamos acho que uns... uns oito anos ali. Daí faliu, fechou. Terminou o barro [matéria prima para a cerâmica], né? Daí nos mudamos na [para a Cerâmica] Prata, na outra cerâmica no outro lado do rio. [...] Daí nós trabalhamos ali [pausa] Trabalhamos ali treze, eu acho que eu trabalhei, quatorze anos ali. Quatorze a quinze anos. E depois a firma lá [Cerâmica Prata] comprou, essa cerâmica do São Francisco aqui. Daí então, eu como era... operador de [inaudível]. Lutava com telha, eu tinha prática de classificar telha. Então daí ela... a firma comprou essa outra cerâmica, daí... Lá paramos de fazer telha para começarmos [a] fazer só tijolo. Quando, começou o tijolo de seis furos aqui naquela época [...]. Daí, foi daí [que] me transferiram para aqui para São Francisco. E ali eu fiquei trinta e seis anos! **Trinta e seis anos?** Trinta e seis anos trabalhando ali, só numa firma, só. Daí treze anos, treze ou quatorze anos, não sei bem certo[,] na [cerâmica] Prata, era a mesma firma, mesmo dono mas, só que o nome [não] era igual. Daí quando eles me passaram aqui[,] daí eu fiquei ali, trinta e seis anos [pausa] até que, vim agora para cá [risos]. Enjoei[,] também não aguntei mais, [inaudível] a idade, né? Daí, vim, mudei para cá [para a cidade] e, e estou, agora [pausa] sem trabalhar, aposentado? [risos] Tranquilo. [risos].

É notório, na narrativa de José, que o trabalho é elemento central, uma vez que sua trajetória de vida é narrada com foco nas cerâmicas em que laborou. Trata -nas como experiência de melhoria de vida, em oposição ao ofício familiar anterior, desempenhado nas serrarias. Aqui constatamos como suas memórias relatam o trabalho realizado diretamente pelo narrador, em que mesmo as dificuldades – como a disposição de apenas uma casa para duas famílias – são vistas como algo passageiro, sofrimento vivido como condição para melhoria posterior, ou seja, para obter o emprego e a estabilidade de toda a família, que acabou por se fixar em Toledo. José também procura se apresentar como

trabalhador exemplar, que passou praticamente toda a vida como empregado de um mesmo patrão, ressalta, inclusive, que a mudança de cerâmica se deu via transferência – não por vontade própria, mas por iniciativa patronal –, como forma de reconhecimento de sua competência e fidelidade. Assim, fala enfático que só em uma cerâmica trabalhou trinta e seis anos, como forma de ressaltar sua solidez naquele ofício.

Para além de lugar de trabalho, percebemos que as cerâmicas eram lugares de moradia de famílias como a de José, pois habitavam as imediações desses locais. Assim, sua trajetória revela as limitações das distinções entre rural e urbano, pois embora tenha trabalhado a vida toda em atividades industriais, nas cerâmicas, sua moradia não ocorria na sede do município, no *povoado*, como aponta, ou mesmo na cidade. Essas indústrias se localizavam na zona rural, nas proximidades de sua matéria-prima – o barro – condição para a prosperidade ou falência do empreendimento.

O outro narrador, por sua vez, sempre morou na zona rural do município e é membro de uma família de trabalhadores “paraguaios” que já vivia na região, na década de 1940. Em seu relato, procuramos explorar o tempo que o núcleo familiar viveu e trabalhou nos ervais, antes do empreendimento colonizatório privado que se sucedeu na região. Entretanto, tais passagens ficaram obscurecidas, pois o narrador enfatiza o trabalho da família para a empresa Maripá e o contato com um de seus diretores, Willy Barth (que também foi prefeito de Toledo). Sempre que perguntávamos a Lázaro sobre as experiências no trabalho da família com erva-mate, ele direcionava o relato aos contatos com a Maripá e os personagens conhecidos das memórias da *colonização do Oeste do Paraná*, como no trecho a seguir:

Seu Lázaro, o senhor falou que seu pai trabalhou para a Mate Laranjeira então?

.....
[...] eu nasci aqui que nem eu falei para você, aqui no Gramado [nas proximidades da atual cidade de Toledo], quando ele [o pai] trabalhava na erva mate Laranjeira. Depois de lá que a [empresa] Prata entrou aqui, sócio da Maripá que foi, falar com ele que ele veio trabalhar, na Maripá, ficou de guarda lá no Porto Britânia, mesmo, lá no porto lá que, onde embarcava madeira, quando começaram embarcar madeira e levaram ele pra cuidar lá, sempre tinha aquele depósito de madeira, sabe, na beira do rio [...].

As atividades desenvolvidas pela empresa colonizadora e demais firmas associadas são narradas em detalhes, principalmente no que tange à extração de madeira, com as quais a família de Lázaro se envolveu diretamente, a exemplo da maioria dos trabalhadores *paraguaios* do período. A figura de Barth também pontua a entrevista, a quem o narrador atribui inúmeras qualidades, ao frisar ter sido ele uma excelente pessoa e patrão, a quem chamavam de “pai velho”:

[...] Seu Lázaro, o senhor podia começar falando um pouquinho sobre a... a sua história de vida, onde o senhor nasceu, os lugares por onde o senhor passou.

.....
 [...] Começamos a trabalhar com, o falecido Willy Barth, que tinha essa olaria [cerâmica], lá na, naquele o chamado, Doze [nome de localidade, nas proximidades de Porto Britânia e Pato Bragado], [...] comecei a trabalhar, na Maripá, que o meu falecido pai trabalhava de guarda lá na, que era guardião do porto da Maripá, onde que embarcava madeira. [Pausa] A única coisa que eu vou dizer que... lá foi muito bom, nós todos nós, muitos falam assim, depois que a pessoa morreu ela vira bom né, é ou não é? [riso], mas o falecido Willy Barth era muito bom com nós nessa, né, quando tinha aqueles navios que vinham carregar para, pelo rio Paraná, encostava aqui no Porto Britânia ele vinha lá, vinham três quatro navios, vinham do Uruguai, do Chile, de tudo que é lugar, ele vinha assim falar com nós, assim, o gerente tinha trinta e seis funcionários, [...] então vinha lá ele olhava assim [e dizia:] “quantos dias que vocês acha que vão gastar?”, nós falava: “bom” daí [pausa] ele era muito bom com nós, porque se nós falava assim: “vinte dias vamos levar”, mas se [...] carregava antes, aí vinha com, vinha de jipe, avisava ele e voltava lá, vinha lá, “bom, quando terminar essa daqui”, ele fazia churrasco para nós, almoçava com nós tudo lá, ele[,] falecido Willy Barth, nós chamava ele, até hoje nós [...] chamava ele de pai velho, porque daí ele falava: “bom, se vocês [...] terminar antes, esses dias vocês vão descansar e a gratificação vai ser tanto” [...], que nós ganhava [incompreensível] hora extra, daí ele fazia aquela fila e nós, primeiro ele, dava gratificação para nós, isso a gente fala até hoje nós se lembramos dele, porque assim fala[mos] pouca pessoa que dá valor, [...] empresário, mas eu [re]conheço, que eu trabalhei, que nós trabalhamos com meu irmão, o falecido pai tudo, que dá valor para o funcionário mesmo, que chegava lá e almoçava com nós e bom, antes do almoço [ele falava:] “ó[lhem] está aqui [o que] eu prometi”, [Willy Barth] ficava lá, passava lá, e, ficava com nós, então nós sempre se esforçava, que quando nós trabalhava assim, trocava [incompreensível], trinta e seis pessoas então dezoito trabalham a noite inteira, e, amanhecia, depois ia dormir até meio dia, e os outros dezoito, iam, o dia inteiro até outro dia assim, porque vinha com essa data marcada para poder voltar os navios que tinham que estar lá no lugar, carregados.

Vale frisar que ambos – empresa e diretor – são *mitos* locais¹², muito presentes nas *memórias públicas* da região. Possivelmente por isso, ao longo de toda a entrevista, Lázaro relata as relações estabelecidas com as pessoas que dirigiram ao lugar no período de fundação da cidade de Toledo, principalmente aquelas que compunham os grupos dominantes. Procura, desta maneira, valorizar sua própria presença no local, ao enfatizar seu trânsito pessoal pelos setores dominantes daquela sociedade, que serve como uma espécie de *atestado de boa conduta* pessoal, a despeito de pertencer a um grupo que, frequentemente, é visto de forma negativa pelo restante da sociedade local, como veremos adiante.

Ainda sobre as lembranças positivas que Lázaro nutre sobre Willy Barth, vale destacar a obra de Róbi Jair Schmidt (2001), em que o autor problematiza a construção mítica que certa o ex-diretor da Maripá e prefeito de Toledo. Ao analisar o perfil carismático e prestativo de Barth, destaca que: “(...) através do auxílio, cria-se uma dívida a ser paga de diversas maneiras, seja através do voto, seja através do trabalho, ou ainda outras formas que levem ao ‘acerto de contas’ ” (SCHMIDT, 2001: 112). Mais que uma característica pessoal do executivo e político local, Schmidt observa que tais práticas compunham um projeto de poder.

As afirmações de Schmidt, embora não se atenham especificamente às relações de trabalho, podem nos auxiliar na problematização da narrativa de Lázaro, pois indicam práticas remissivas a relações de trabalho *paternalistas*. Esta questão foi trabalhada por Sidney Chalhoub (2001) – em estudo sobre o cotidiano de trabalhadores na Primeira República – que, em linhas gerais, definiu esse tipo de paternalismo como a manutenção de relações próximas entre patrão e empregado, em que a figura do proprietário se assemelha a de um “pai”, nutridas com o objetivo de ampliar a exploração dos trabalhadores. No Oeste paranaense, tal conceito foi problematizado por Antonio de Pádua Bosi (2016: 228) da seguinte maneira:

(...) Uma noção ambivalente, que caracteriza relações que podem ser de compromisso, conflito e de disputa entre trabalhador e patrão dentro de uma relação social em que predomina a autoridade pessoal deste último.

¹² Trabalhamos com a ideia de que a empresa Maripá e seu segundo diretor local, Willy Barth, são elementos centrais na conformação de um *mito fundador* da cidade. Sobre o conceito de *mito fundador*, ver: CHAUI (2007).

Assim compreendida, a relação pessoal articulada pelo paternalismo é desigual, mas pode ser manejada tanto pelo trabalhador quanto pelo patrão. Em termos sociológicos o oposto disso seria a relação mediada pela burocracia, pela impessoalidade.

Em seu estudo, Bosi discute as práticas paternalistas estabelecidas pela direção de um frigorífico com os trabalhadores que habitavam uma vila construída pela própria empresa na cidade de Marechal Cândido Rondon, nas décadas de 1960 e 1970. Analisa como certas práticas serviam de instrumento de controle sobre os trabalhadores, a despeito de sua aparência de benevolência e amizade. A vila – onde os empregados não pagavam aluguel, nem despesas de luz e água – fora construída perto do frigorífico porque existiam dificuldades para que os trabalhadores chegassem ao local de trabalho nos dias chuvosos; Não havia casas para todos os empregados e, portanto, escolhiam-se aqueles que mais se adequavam às metas estabelecidas pela empresa para morar na vila operária; Certas práticas, como proprietários e diretores trabalharem junto aos operários no dia a dia da empresa ou praticarem desportos que uniam operários da linha de produção e pessoal dos escritórios em uma mesma equipe, também tinham objetivos paternalistas. Entretanto, o autor frisa como tais medidas não impediam os trabalhadores de perceberem as relações de dominação em que estavam inseridos, o que resultava em uma não completa submissão às práticas paternalistas.

Algo semelhante fora vivido por Lázaro, em que as práticas paternalistas permearam o trabalho na Maripá, em especial o embarque de madeira, como vimos anteriormente. Embora certamente adotadas no intuito de obter bons resultados daquele extenuante trabalho, o que marcou a narrativa foi o clima de pretensa amizade e de proximidade presentes nas relações patrão-empregado, *experimentadas* por Lázaro não como exploração, mas como reconhecimento profissional e valorização pessoal.

É preciso observar que, ao tratar do paternalismo, ou mesmo de personagens dos setores hegemônicos, Lázaro o faz a partir de seu próprio *lugar social* e de seu próprio ponto de vista. As empresas ligadas à *colonização* e a Willy Barth são evocadas em meio às reminiscências do trabalho e da vida cotidiana de Lázaro. Assim, as atividades recordadas pelo narrador não são as de vendas de terras, mas o comércio de madeira e a produção de tijolos, com as quais trabalhou, enquanto Barth é lembrado em suas ações como patrão, e não como político local, por exemplo.

Trata-se, portanto de memórias ancoradas nas relações sociais (desiguais) vividas por Lázaro, em sua trajetória profissional. Pois, na Maripá, não somente seu pai trabalhou, mas o próprio Lázaro encontrou nela seu primeiro emprego, em uma cerâmica na localidade de *Quilômetro Doze*, nas proximidades de Porto Britânia, pertencente àquele grupo colonizador. Portanto, o diálogo com as *memórias públicas* da cidade se dá a partir do próprio envolvimento do narrador com alguns ícones da *colonização*, com quem manteve relações pessoais, inclusive.

Ao observar mais atentamente a narrativa de Lázaro, percebemos semelhanças entre a trajetória dele e a de José, pois ambos trabalharam em cerâmicas, que, junto com as serrarias, compuseram os dois principais setores industriais da cidade, no período entre 1940 e 1960. Nesse momento percebemos que não somente migrantes vindos dos demais estados do sul do país – descendentes de europeus – compuseram o rol de trabalhadores que permitiram as atividades de extração e beneficiamento de madeira e de colonização da região, mas principalmente aqueles sujeitos oriundos do próprio Oeste paranaense. Entretanto, suas experiências no local, como trabalhadores industriais, não podem ser congeladas em um passado de *fundação* do município, pois em décadas posteriores eles também desempenharam papel-chave em Toledo.

Toledo e os trabalhadores industriais: nas fronteiras do rural e do urbano

Nas narrativas dos trabalhadores, ganham visibilidade o período posterior à década de 1970, que, como já enunciamos na seção anterior, é outro marco nas *memórias públicas* locais, quando ocorreu uma grande expansão da área urbana de Toledo, motivada pelos recursos advindos de investimentos estatais e do agronegócio e, como muito se denunciou naquela década e na subsequente, por conta do fechamento da maioria dos postos de trabalho do campo, decorrente da *modernização da agricultura* (SILVA; BRAGAGNOLLO; MACIEL, 1988). Nesse período, Toledo, com suas agroindústrias, se torna um local atrativo para os trabalhadores do campo, cuja população urbana aumentou significativamente, conforme pode se observar no quadro abaixo:

TABELA 1

Demografia do município de Toledo-PR – População total, rural e urbana (1970-1991)

POPULAÇÃO	TOTAL	URBANA	RURAL
ANO DE 1970	68.885	14.986	53.899
ANO DE 1980	81.282	42.994	38.288
ANO DE 1991	94.879	72.402	22.477

Fonte: SILVA; BRAGAGNOLLO; MACIEL (1988) e BIDARRA (2006).

Ao examinar a tabela, percebemos o gradativo crescimento da população urbana de Toledo, ao longo das décadas de 1970 e 1980, com a conseqüente inversão do local de moradia da maioria dos munícipes, que, outrora residentes majoritariamente no campo, passaram a se concentrar na cidade. Nessas duas décadas, verificamos preocupações de integrantes dos setores locais mais *progressistas*, em denunciar os efeitos negativos da *modernização do campo* – tão propagandeada pelo regime civil-militar –, em apontá-la como geradora de pobreza e crescimento desordenado da área urbana da cidade. Em alguns casos, verificamos clamores por *justiça social*, na imprensa local (FERREIRA, 1974).

Essa população depauperada, residente na área urbana do município, no entanto, foi algo mais que um *efeito colateral* da *modernização do campo*, mas peça-chave para que a expansão agroindustrial¹³ fosse possível em Toledo, por constituir-se em mão de obra farta e barata. Nas narrativas de quem se deslocou para a cidade, neste período, aparecem empresas como o frigorífico da Sadia e a cerealista Coopagro (Cooperativa Agrícola Oeste Ltda.), não apenas como ícones do *desenvolvimento local* do período – tal qual a imprensa muito noticiava (PUJANÇA ECONÔMICA, 1974) –, mas como parte de seus *territórios* (CALVO, 2004), como lugares de sociabilidade e parcelas de suas trajetórias profissionais e de vida. Por isso, nosso foco analítico não residiu na denúncia das mazelas constantes desse processo, mas em compreender como os trabalhadores que dele fizeram parte o

¹³ Foi nesse período, por exemplo, que o Grupo Sadia construiu o abatedouro de aves, a principal unidade agroindustrial da empresa atualmente em funcionamento em Toledo. A esse respeito ver: (“EMPRESAS EXISTEM...”, 1993).

viveram e o significaram, no presente, por acreditarmos que suas memórias lançam luz sobre a complexidade desse momento histórico.

Nas narrativas orais, constatamos a pluralidade de motivações e expectativas que pontuaram esse período de mudanças, inclusive os deslocamentos entre o campo e a cidade. Existem casos de trabalhadores que não se concebem como *expulsos* do campo, como Lázaro, que embora vivesse na zona rural do município, trabalhava em uma cerâmica do grupo Maripá, como afirmamos anteriormente. Ele mudou para a área urbana de Toledo em 1970, quando ainda era empregado daquela empresa, após solicitar transferência de local e posto de trabalho:

Eu vim no, viemos com a minha esposa, aí casei em, sessenta e oito, em março de sessenta e oito, daí eu [pausa] ah, pedi para o seu Ângelo [Costamilan, diretor da Maripá], seu Ângelo daí ele, arrumou, que fui transferido aqui [para a] na serraria São João [pausa] que existia [...], onde que é [hoje o Centro de Eventos] Ismael Sperafico [...]. Ali quando viemos ali [pausa] vim em setenta, 1970 vim para cá. Para cá para Toledo. Assim mais o resto assim setenta para lá eu me criei lá mesmo, [em] Porto Britânia, né. Estudei lá tudo, inclusive [...] tudo mundo aqui sabia que existia [em Toledo] só o[s colégios] La Salle e o Incomar, né. Mas daí tinha que... [risos]. **Pagar.** Tinha que pagar, né, e na... não tinha, falecido pai não tinha dinheiro. [...] Só tinha até quinto ano, que nem lá, lá no Porto Britânia. Mais não tinha. Isso foi, de setenta para trás. Cada vez mais que, melhorou, em tudo. E depois que vim de lá trabalhei aqui, e depois o seu José Alves [inaudível] aqui o, empresário aqui da, Fiasul [indústria do ramo de fiação]. Ele arrumou as minhas coisas lá, [incompreensível] aqui nós, morava aqui na [avenida] Parigot de Souza, moramos dezoito anos, compramos esse lote, que essa vez loteamento que vendia aqui era [d]a Maripá mesmo. Esse loteamento tudo que era lugar por aqui tudo era deles, onde nós comprava, né, compramos deles. [...] Ali nós moramos dezoito anos, ali nessa casa. Depois nós vendemos lá e, mudamos ali no, Jardim Concórdia, aí eu trabalhava. Aí saí da... da Coopagro e... fiquei, quinze anos e oito meses em, mil novecentos e... noventa e oito, não, oitenta e oito. [...] Aí, em noventa vim trabalhar aí com seu Ângelo de novo, aqui na, na Imaco [metalúrgica], onde que é lá, na Coopagro eu trabalhava de, de, balanceiro. Daí saí de lá e trabalhava, para trabalhar de guarda aqui para, seu Ângelo. Eu era assim conferi[ci]sta, entende, né? E trabalhei, onde que ele tirou os anos para me [pausa] encaminhar para aposentar. É, assim sou, [há] sete anos sou aposentado.

Após certo período de trabalho junto a Maripá, Lázaro passou a atuar em outras empresas conhecidas na cidade, como a Fiasul, Imaco e Coopagro, cooperativa que é

tratada por grande número de trabalhadores (braçais) que viveram na área urbana de Toledo, nas décadas de 1970 e 1980, como um dos principais locais para a conquista de emprego formal. As menções aos patrões são constantes na narrativa de Lázaro, apresentados como quem o auxiliou nos momentos em que precisou de emprego ou de moradia. Tais elementos, muito presentes ao longo de todo o relato, novamente apontam para as práticas paternalistas presentes nas relações de trabalho – em diversos períodos, empresas e empregadores, não sendo exclusividade da Maripá –, e como Lázaro tomava parte nelas para conseguir satisfazer certas necessidades e evitar o trabalho informal – como trabalhador rural volante, os *boias-frias* – destino da maioria daqueles vindos do campo, no período.

Percebemos nesse contexto algo semelhante ao pontuado por E. P. Thompson (1998) em seus estudos sobre a cultura popular da Inglaterra setecentista. Conforme aponta, as práticas *paternalistas* eram comuns no período, entretanto, alerta que não podemos concebê-las sem a existência de *deferência*, ou seja, os grupos populares não aceitavam o paternalismo – e as formas de controle que o acompanhavam – sem que certas necessidades suas fossem satisfeitas. Portanto, o autor chama a atenção para que não percebamos as formas populares de atuação social de maneira ingênua.

No caso de Lázaro, talvez por conta dessa relação com o patronato local – aliada à sua profunda religiosidade cristã, de integrante do movimento de Renovação Carismática Católica –, ele costuma silenciar sobre tensões e problemas que possivelmente vivenciou na cidade e no trabalho. Timidamente, pontua apenas as dificuldades para estudar, pois por muito tempo as únicas escolas da cidade eram particulares – posteriormente continuaram sendo as únicas a oferecer ensino a partir do sexto ano –, o que revela os limites no acesso dos trabalhadores àquelas entidades que, muitas vezes, são saudadas como símbolo de precoce ilustração local (SILVA; BRAGAGNOLLO; MACIEL, 1988 ; NIEDERAUER, 2004)¹⁴. Diante disso, Lázaro observa o presente a partir da noção de que houve “progresso” com relação ao passado, apontando que novas oportunidades surgiram no campo da educação formal.

¹⁴ Interessante observar que a política de manter bolsas de estudo, adotada pela instituição, não reverteu a percepção de certos trabalhadores, como Lázaro, de que a escola particular não era parte de seus territórios na cidade.

Sobre os motivos da mudança, Lázaro pouco relatou, frisa apenas que esse desejo já era nutrido por ele, a esposa e os pais, pois Porto Britânia era apenas uma vila e Toledo já era uma cidade. Possivelmente esse dado desnudava para ele expectativas de encontrar mais alternativas para sua sobrevivência. Adiante, em outros momentos da narrativa, apontou que possuía relações com Toledo, que vinha esporadicamente para a cidade e que conhecia pessoas, por conta de ter sido árbitro de futebol, atividade lembrada com muita ênfase. Em resposta a uma das nossas questões sobre a transferência para a cidade, relatou mais sobre as atividades laborais que realizou na área urbana, principalmente nas empresas que atuavam no ramo de cereais:

[...] primeiro mesmo eu morei lá com minha irmã, [inaudível] que mora lá na [pausa] Vila Operária. [...] E agora o primeiro mês que vim de lá mesmo, eu trabalhei, aí na [pausa] na CIBRAZEM [Companhia Nacional de Armazenagem]. [...] **Não tinha a Coopagro ainda.** Não. Só tinha a [CIBRAZEM, que], recebia, feijão, arroz, tudo, tudo recebia ali. E dali onde que, onde ia não sei. Entende? Aí trabalhei de ensacador, trabalhei só dois meses [risos]. Depois [risos] enchia aqueles sacos de, de trigo assim de setenta, oitenta, quilos, daí saí, daí vim de novo trabalhar aqui, na [serraria] São João [...]. E onde que seu [incompreensível] me conheceu lá, né. [...] Daí ele veio falar com nós e, comigo daí eu tava trabalhando lá. E [pausa] saí de lá pra trabalhar na, na Coopagro.

A narrativa aborda o trabalho realizado principalmente em empresas do ramo de cereais, como a CIBRAZEM e Coopagro, setor econômico que se expandiu com a agricultura comercial. Entre as funções exercidas, Lázaro destaca a de ensacador, trabalho árduo, um dos poucos elementos de sua narrativa que sinalizam para dificuldades vividas no lugar, as quais, no entanto, recorda de maneira bem-humorada. Após trabalhar na CIBRAZEM, atuou novamente em serraria, tendo depois exercido diversos outros ofícios, o que indica sua não profissionalização em um ramo específico, muito embora todas as atividades tenham em comum o fato de serem trabalhos pesados e braçais, uma experiência *compartilhada* (PORTELLI, 1996) por outros tantos trabalhadores que se dirigiram à cidade nessa época.

Outra experiência compartilhada desse período foi ingressar na cidade a partir da periferia, pois, como relata, nos primeiros tempos na área urbana morou com sua irmã, na Vila Operária, antiga Vila Brasil, nas proximidades da avenida Primeiro de Maio, a mais

importante da região da cidade atualmente conhecida como *Grande Pioneiro*.¹⁵ Os nomes desses bairros, que remetem a temas de trabalho, demarcam simbolicamente esses espaços da cidade como territórios da classe trabalhadora. Posteriormente, Lázaro morou no Jardim Concórdia, que também, por muito tempo, foi considerado área periférica.

A relação com as memórias do pioneirismo são muito fortes em toda a narrativa de Lázaro, embora em alguns momentos elas apareçam mais diretamente do que em outros. Isso ocorre porque o narrador se identifica como *pioneiro* da cidade e tem orgulho de integrar esse grupo, tanto que, logo que o contatamos, se dispôs prontamente a participar da pesquisa e logo mostrou a carteirinha de sócio da APITO – Associação dos Pioneiros de Toledo. Durante a entrevista, quisemos saber mais sobre o vínculo dele com aquela entidade:

O Senhor é sócio então daquela... da Associação dos Pioneiros de Toledo? O senhor mostrou a carteirinha... Sou, sou. Sim, Sou. Dos pioneiros sou. Eu e minha esposa, porque [inaudível]. Porque eu me criei aqui, né. [risos]. Bem dizer. [...] E quando eu comecei a arbitrar eu arbitrei também, parei de jogar [futebol], jogava lá [...] [no Clube] Cristal de Pato Bragado. Parei, e depois vim para casa, [...] porque não tinha tempo [inaudível] o jogo, trabalhei na Coopagro, e sabe como é que é nos cereais tudo. Tem que trabalhar sempre até, dez, onze horas da noite, é domingo tudo direto, assim né. Aí parei de, de jogar bola e tudo, e depois fui [pausa] arbitrar, então. E comecei lá na, com o Darci Menocin [pausa] lá em [Marechal Cândido] Rondon [pausa] em [mil novecentos e] setenta e quatro [pausa] comecei arbitrar. Mas eu fiquei dois anos lá na liga de, Rondon. Daí vim para cá, [inaudível] para cá e comecei com o... Eudes Campagnollo. Porque, ele é[ra] o presidente da Liga né. **Ah...** Ele, é. É. Com ele então [pausa] aí começamos [pausa] setenta e seis, setenta e sete comecei trabalhar, com ele de, árbitro assim de, de trabalhar. Primeiro bandeirei [era bandeirinha] porque no começo tem que fazer curso ainda. Para árbitro, assim. **Ah, o senhor fez curso pra árbitro?** Fiz curso, né. Quando eu [inaudível] e fizemos. Fiz duas vezes.

Esse momento da entrevista é de fundamental importância para compreender a entrevista de Lázaro, pois sintetiza dois elementos que são recorrentes em toda sua narrativa e que nos auxiliam a pensar a forma como ele constrói seu espaço nessa sociedade, ou seja, por meio da afirmação como *pioneiro* e da atuação no esporte. Sobre o primeiro aspecto, notamos que o narrador é enfático ao afirmar “pioneiro sou, eu e minha

¹⁵ O termo *pioneiro* possivelmente refere-se ao nome do primeiro frigorífico que se estabeleceu no local onde fica atualmente as instalações do grupo Sadia.

esposa”. Isso indica também o porquê dele recorrer aos nomes das famílias *pioneiras*, de *prestígio* na cidade para compor suas memórias, pois essa é uma forma dele apontar sua relação com essas pessoas e de fortalecer seu *status* pessoal e familiar de *pioneiro*. Como geralmente esses nomes são lembrados pelo memorialismo local, é provável que Lázaro os mencionou como forma de nos convencer que a participação de sua família na *colonização* também foi de grande importância. Mais do que isso, a afirmação do ser *pioneiro* é uma forma dele, na condição de trabalhador braçal, tentar a conquista de espaços na cidade, afirmar sua importância para o local e reivindicar seu direito de viver nele.

Sobre o segundo aspecto, o futebol, as narrativas de Lázaro apresentam esse esporte como uma atividade de grande importância. Antes de ser árbitro, ele foi jogador, lateral-esquerda, como bem aponta, e chegou a jogar em um time de Passo Fundo, no estado do Rio Grande do Sul, elemento indicativo da tentativa de profissionalizar-se na área. Depois, como árbitro, tornou-se conhecido em todo o município, segundo afirma em outro momento de sua narrativa, o que pode tê-lo auxiliado a construir toda uma rede de relações sociais que ultrapassasse os limites de sua classe social.

De maneira geral, os trabalhadores “paraguaios” – como são identificados em Toledo – também são conhecidos por sua trajetória no futebol.¹⁶ Percebemos que as memórias de Lázaro indicam o esporte como algo mais que um desporto, mas uma forma de construir espaços na cidade, de ser reconhecido como *brasileiro*, como *pioneiro* e como pessoa importante para o local. Essa experiência possivelmente foi compartilhada com outras pessoas de seu grupo e classe social, lhe permitiu estabelecer sociabilidades que ampliaram seu trânsito social e conquistar maior espaço no lugar. Dentro dessa estratégia, se colocava como perspectiva – bem ao estilo paternalista – não o enfrentamento, como forma de conquistar direitos, mas o estabelecimento de relações próximas, de diálogo e até mesmo amizade, com pessoas das classes empresariais.

Esse trânsito pelos setores hegemônicos da sociedade pode também ter contribuído para o olhar otimista de Lázaro, sobre Toledo, como lugar que progrediu nos últimos anos. Isso porque em diversos momentos ele compara presente e passado, tendo como base a noção de “progresso”. Efetuamos, então, diversas perguntas sobre os processos de “transformação” da cidade – termo usado para evitar o direcionamento das respostas – no

¹⁶ A esse respeito ver: BEAL (2009).

intuito de buscar as formas como ele vivenciou as mudanças ocorridas em Toledo, ao longo de sua vida e, por fim, após ele falar do crescimento da cidade, perguntamos de forma mais direta:

E o senhor gostou desse crescimento da cidade? O senhor gos... Ah? O senhor gostou desse crescimento da cidade, da cidade ter crescido? Ah gostei, para muito bom, que nem eu te falei, que nem... Para tudo, para [pausa] para estudos então, melhorou 100%. Em comparação com esses anos atrás, né, que nem eu falei para você.

A resposta de Lázaro é bastante explícita, entende que a cidade melhorou muito, e centraliza sua percepção otimista no setor educacional. Isso pode resultar da satisfação com as oportunidades que se abriam para pessoas como seu filho, que usufruiria da educação pública, razão de Lázaro apoiar o projeto de transformar Toledo em polo universitário. De qualquer forma, é importante observar que, em certo momento de sua narrativa, situa como marco de crescimento da cidade a década de 1990, um período em que os projetos de desenvolvimento via industrialização – para os quais a década de 1970 é o grande marco – já estavam mais desgastados e começavam a despontar outros planos, como o de tornar o local um polo universitário¹⁷.

Ao retomarmos a primeira narrativa, de José, notamos que ele voltou à sede do município entre o final da década de 1990 e princípios da de 2000. Tal episódio não é relatado como um momento de ruptura, como uma *chegada* ou mesmo efetivo retorno à cidade, pois ele narra a vida em Toledo em uma perspectiva linear, que começa com o ingresso no local, na década de 1940, e se desdobra em diversas mudanças, sendo a última, para o bairro São Francisco. Tal fator pode sinalizar para como o narrador, mesmo morando nos arredores da cidade, na zona rural, estabelecia uma relação com a cidade, e sentia-se parte dela. Importante notar que viver entre o rural e o urbano, ou mesmo nas *beiradas* da

¹⁷ No final da década de 1990 esboçou-se o projeto de tornar Toledo um polo universitário, possivelmente como meio de diversificação da economia local, de qualificação trabalhadores e de aplicação de saberes científicos ao setor agroindustrial. Como marcos desse projeto são apresentadas as aberturas, ocorridas no final da década de 1990 e ao longo da de 2000, dos campi da UNIPAR (Universidade Paranaense), da PUC-PR (Pontifícia Universidade Católica do Paraná) e da UTFPR (Universidade Tecnológica Federal do Paraná), além da FASUL (Faculdade Sul Brasil). Estas instituições se somaram ao campus da UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná) existente na cidade desde 1996, quando a FACITOL (Faculdade de Ciências Humanas Arnaldo Busato) foi estadualizada. Mais recentemente, na década de 2010, a UFPR (Universidade Federal do Paraná) abriu um campus na cidade. Sobre o projeto de tornar a cidade polo universitário, ver: TOLEDO É... (2002).

cidade, não é algo presente apenas no passado de José. Mesmo naquele presente, o Jardim São Francisco era um bairro periférico, muito próximo à zona rural. Em frente à casa do narrador, quando realizamos a entrevista, ainda existia uma chácara, onde se criavam vacas, a qual, pouco tempo depois, acabou por dar espaço a um novo loteamento residencial.

Embora não tenha enriquecido, ao longo de sua trajetória, José experimentou algumas melhorias em suas condições de vida, além de ascensão em seu trabalho. Chegou a ser uma espécie de gerente de uma das cerâmicas em que trabalhou – provavelmente a última – função que relata timidamente ao destacar a presença dos trabalhadores *paraguaios*: “[...] aqui na [Cerâmica] Prata, nós tinha [pausa] cento e vinte empregados, mais da metade era paraguaio. E eu que tocava, né. **Ah, o senhor era quem tocava ali a... a Prata?** Eu que cuidava, na época. Ali eu... com os paraguaios [...]”. Embora partilhe o trabalho efetivo de “tocar” a empresa com os trabalhadores *paraguaios*, o termo “nós tínhamos cento e vinte empregados” caracteriza uma fala efetuada em nome da empresa, através da qual José associa as memórias de seu trabalho com as recordações da indústria. Tal elemento revela como a ascensão a cargos de chefia transformou sua percepção sobre as relações de trabalho, e como passou a compartilhar valores do empresariado e a ver-se como organicamente vinculado à indústria. Talvez por isso, também, constrói sua narrativa de forma a tratar a mudança de ofício da família – das serrarias para a cerâmica – como uma melhoria, pois foi nesse setor que ele conquistou espaço, através de seu trabalho. Assim, de maneira mais sutil que a narrativa de Lázaro, a fala de José também apresenta elementos paternalistas, como a cessão de moradia (CHALHOUB, 2001 ; BOSI, 2016) e a percepção de que as pretensões empresariais são comuns aos seus próprios interesses, algo recorrente nas relações mediadas pelo paternalismo, de acordo com Sidney Chalhoub (2001). Outro elemento percebido por esse autor e que também se faz presente no relato oral de José, é a função do patrão como “juiz” que avalia e intervém em conflitos em favor de empregados seus.

Na narrativa de José, notamos isso quando ele relata um conflito vivido no cotidiano de trabalho na cerâmica, episódio que – junto a demais passagens de sua fala – nos permite perceber outros sujeitos que viveram em Toledo, principalmente aqueles que mudaram para o lugar a fim de trabalhar (e não para serem proprietários). Apresenta então um local caracterizado pela presença de serrarias e de cerâmicas, povoado por trabalhadores braçais,

cujas relações, sabemos, nem sempre eram harmônicas, pois existia também a violência, em algumas situações, uma delas narrada pelo próprio José:

E nunca aconteceu, aconteceu uma vez. Um paraguaio queria me pegar, porque, não sei o que é que eu fiz para ele, ou gritei com ele, sei lá, eu não me lembro mais [...]. Tá, mas eu fiquei quieto, né? E daí, foi numa [...] semana, mas na outra, daí na outra semana, na segunda-feira eu acho, daí, trabalhando, daí o... colega meu falou: “Olha fulano lá está armado e quer te pegar hoje. Ele está com o punhal na cinta. Pode olhar!”. [...] “Olha, ele está armado. Pode ver que quando ele se abaixa, a camisa dele sobra um tanto assim para, para frente porque ele está armado”. [...] “Cai fora!” Ele disse para mim. “Não fique aí! É perigoso. Ele vai, falou que quer te pegar”. Daí então me arredei de um lado. [...] Daí falei para o chefe: “Ó[lha], o negócio é assim e assim, ó[lha]. Daí foi avisado o chefe”. [...] E o chefe veio [de outra unidade], daí eu falei: “Ó[lha] negócio é assim e assim, o cara quer me pegar e ele está armado”. Depois, se fosse só ele, mas tinha quantos paraguaios em roda, se você vai bater num, vêm todos em cima de você. Então. Ele disse: “Então deixa. Eu vou ficar aí até meio-dia. Até meio-dia daí vou desarmar ele”. Vou atrás de jagunço também, [...] meio levados da breca, vou levar revólver na cinta e faca do outro lado. Daí, então tá. Deu a hora, meio-dia, faziam a fila para bater o cartão, e ele ficou encostado na mesa, assim, o patrão, e eu, do lado da porta. Daí quando ele chegou [o empregado], pegou a ficha e quando ele quis bater, o patrão passou a mão atrás, arrancou [o punhal] com camisa e tudo. Pegou bem no cabo da faca, e arrancou, ele quis [re]agir [e o patrão falou]: “Não se mexa!”, o patrão falou: “Não se mexa! Entregue essa faca aí!”. Já tinha arrancado tudo: “Pode ir embora! Depois do meio-dia, depois, de tarde, vem aqui acertar a conta” [...].

Neste trecho, podemos observar que o cotidiano do trabalho na cerâmica era pontuado por conflitos, inclusive nas relações entre os trabalhadores. Nele, o risco de agressões físicas se fazia presente, embora não possamos resumir a riqueza daquele dia a dia a apenas este aspecto. Tais tensões ainda se faziam vivas no momento da entrevista, haja vista José acelerar a fala ao tratar da possibilidade de enfrentamento com um grupo de trabalhadores “paraguaios”. No fragmento, constatamos ainda a atuação do patrão como “juiz”, que toma partido por José e convoca outros homens – “jagunços” – para ajudar a desarmar o trabalhador que pretendia agredi-lo. Neste momento, ficam explícitas as divisões existentes entre os trabalhadores, tanto as diferenças decorrentes de posto de trabalho (gerência versus linha de produção) quanto étnicas (*paraguaios* versus *brasileiros*).

Pontos de convergência entre etnicidade e relações de classe não são novidade na historiografia contemporânea. A já citada obra de Sidney Chalhoub (2001) problematiza os conflitos entre trabalhadores motivados por diferenças étnicas ou nacionais e aponta para como elas dificultaram as organizações de classe durante a Primeira República. Em direção um pouco diferente, Joan Bak (2003), ao estudar a Greve de 1906, em Porto Alegre, analisa como as questões étnicas e de gênero pontuaram a história da nascente classe operária da cidade. Sua tese é de que, se a etnicidade representou dificuldade para a organização dos operários em um plano de classe, por outro, em categorias etnicamente mais homogêneas, ela foi um fator importante, que auxiliou a construir a coesão classista, ao aproveitar-se dos laços de solidariedade pré-existentes.

No caso narrado por José, percebemos que existe uma hierarquia étnica e social, entre os proprietários da cerâmica, de origem europeia (BEAL, 2009 ; COLOGNESE, 2011), José, caboclo,¹⁸ ocupante de um cargo de chefia e, por fim, os trabalhadores “paraguaios”, lotados na linha de produção. De acordo com Ad Knotter (2015), em estudo dedicado às migrações e etnicidade dos trabalhadores das minas de carvão, nos séculos XIX e XX, a hierarquização entre diferentes grupos étnicos no interior do ambiente de trabalho é uma constante, com a especialização de certas etnias em determinadas funções. Verificamos algo semelhante na situação narrada por José e, neste caso, a etnicidade – associada às práticas paternalistas – pode ter auxiliado na delimitação de fronteiras que o distanciaram dos “paraguaios” e o aproximaram dos patrões, pois, a despeito das diferenças, ambos se percebiam como *brasileiros*.

Os *paraguaios*, além de estarem associados ao estrangeiro (como revela o próprio vocábulo que os designa), são tratados por José – em outra passagem de sua narrativa – de forma estereotipada, como violentos, com quem era necessário tomar cuidado, muito embora o trabalho deles fosse bem-vindo, devido ao seu baixo custo. Essa visão circulou muito na cidade e região, e faz parte da imagem que os brasileiros construíram

¹⁸ Os *caboclos* do Oeste paranaense carecem de estudos mais específicos. No Oeste catarinense, onde conquistaram maior visibilidade e contam com clubes culturais, são identificados como parte de uma cultura com práticas bastante particulares, que inclui uma religiosidade própria, repleta de “benzeções” e a devoção de santos populares (MARQUETTI; SILVA, 2015). Se algo do gênero também for válido para o Oeste do Paraná, podemos estar diante de uma significativa fronteira cultural a separar *caboclos* e *paraguaios*, embora os limites de nossa pesquisa não nos permitam fazer esta afirmação, razão pela qual nos contentamos em apenas levantá-la como hipótese.

historicamente sobre os paraguaios (SOUCHAUD, 2011). A eleição dos trabalhadores *paraguaios* como *pioneiros* e heróis da *colonização*, principalmente após a década de 1980, procurou investir de sentidos positivos as memórias da presença desses sujeitos na cidade, muita embora as imagens da violência e das brigas com punhal permaneçam. A própria trajetória de José explicita a força dessas construções, pois, embora tenha convivido durante anos com muitos trabalhadores *paraguaios*, somente viveu *uma* situação de tensão, a qual marcou sua experiência de maneira a reforçar o estereótipo da violência, e não o contrário.

Em termos gerais, no relato de José, ficou obscurecido o período posterior à década de 1990, principalmente após sua mudança para o bairro São Francisco, pois o narrador privilegia as passagens de sua vida ocorridos entre as décadas de 1940 e 1970. Infelizmente não foi possível realizar outra entrevista, pois ele alegava que suas memórias estavam debilitadas e não se sentia à vontade para continuar com as gravações.

Apesar disso, notamos que a trajetória contribui sobremaneira para nossa discussão, ao chamar a atenção para a complexidade desse movimento de trabalhadores que se deslocaram para a cidade. No caso de José, a mudança para o bairro São Francisco, na década de 1990 – e conseqüentemente para a área urbana de Toledo – não se deu em busca de emprego, mas após aposentar-se. Ao findar as relações de trabalho que vinculavam seu viver à cerâmica, dirigiu-se à cidade para viver como aposentado. Por outro lado, no tempo em que residiu na zona rural do município, não exercia atividades agrícolas, mas industriais, uma vez que as cerâmicas costumam se situar próximas à fonte de matérias-primas, conforme afirmamos anteriormente.

Entretanto, em termos de produção de significados, percebemos claramente como sua narrativa também não compartilha a eleição da década de 1970 como marco de transformação do município. No relato fica muito claro a construção de uma linha contínua, que se inicia na década de 1940, com sua chegada ao local, e se estende até o presente. Como aponta Alessandro PORTELLI (2004) as construções temporais efetuadas pelas memórias e narrativas orais não são meras obras do acaso, mas parte do trabalho da consciência dos narradores. No caso de José, o *continuum*, construído em seu relato, ao longo das décadas indica as relações sociais vividas por ele e por sua família, ou seja, a década de 1970 não é um grande marco do crescimento industrial da cidade porque, para

ele, a vida em Toledo sempre se deu em torno do setor industrial, seja no trabalho com serrarias, seja com as cerâmicas, desde a década de 1940.

Considerações finais

Com base em ambas as narrativas, podemos notar um pouco do caráter diverso e complexo do processo de crescimento que se verificou em Toledo, embora não seja possível generalizar tais conclusões, haja vista tratar-se de apenas duas trajetórias de vida. As narrativas de José e Lázaro desvelam elementos que vão além das transformações estruturais ocorridas na agricultura, na década de 1970, como motivos para as pessoas procurassem a cidade para morar. No caso de José, sua família se dirigiu a Toledo em busca de emprego ainda na década de 1940 e acabou por viver nos arredores da cidade – nas cerâmicas, mais precisamente – de onde somente retornou para a área urbana na década de 1990, após aposentar-se. A cidade é buscada por ele como lugar de descanso e não de sobrevivência, possivelmente para ficar próximo dos serviços urbanos e dos filhos. Lázaro, por sua vez, nasceu na região antes mesmo da *colonização* e apresenta uma trajetória de trabalhador braçal no município, que lutou pela sobrevivência e pela conquista de espaços no local. Pelo que constatamos, mesmo saído de Porto Britânia em 1970, diferentemente do vivido pela maioria dos trabalhadores da região, os motivos para seu deslocamento rumo a área urbana se remetem mais a novas expectativas do que com processos de *expulsão*. É preciso frisar, como ponto comum entre ambos os narradores, que eles nunca foram trabalhadores agrícolas, mas atuaram no setor de cerâmica, principalmente, enquanto moraram na zona rural ou em ex-distritos de Toledo e, portanto, possuem trajetórias pontuadas por particularidades que precisam ser consideradas, ao compará-las com as da maioria dos demais trabalhadores residentes naquelas localidades.

Ambas narrativas mostram Toledo sob um ângulo diferente do usualmente encontrado nas *memórias públicas* da cidade e, embora não se tratem de *outra memória*, completamente diferente ou oposta àquela, desnudam-se como recordações produzidas em outro *lugar social*. São trabalhadores que lembram a cidade a partir dos locais (físicos e sociais) que nela ocuparam e ainda ocupam, cujas narrativas dão visibilidade aos *territórios* e experiências que marcaram suas vidas. Elas nos trazem outras possibilidades de escrita da

história da cidade, com enfoque nos sujeitos integrantes das classes populares, como os trabalhadores, *caboclos* e *paraguaios*, muito distantes do modelo ideal de colonizador, almejado nos projetos *hegemônicos* traçados para o lugar.

Por outro lado, o fato de não criarem uma nova memória, oposta às *memórias públicas*, e até mesmo dialogarem com estas e incorporarem certos clichês ali presentes, revela também uma história de conquista de espaço na cidade e de luta pela construção de uma imagem positiva de seu grupo, como a narrativa de Lázaro bem demonstra, como integrante dos *trabalhadores paraguaios*. Portanto, mais do que *imperfeições* ou *ausência de uma memória de classe*, esses elementos nos dão pistas das lutas cotidianas e até mesmo invisíveis travadas por esses sujeitos, ao longo de suas trajetórias na cidade e desvelam a *memória* como território fecundo de luta política e social.

Referências

AEROPORTO REGIONAL ganha espaço entre prioridades estaduais. *Gazeta de Toledo*. Toledo/PR, ano V, n. 1357, p. 2, 25 de julho de 1999. Editorial.

ALBERTI, Verena. Fontes orais: histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008. pp. 155-202.

COLONIZAÇÃO DE Toledo começou em 1946. *Gazeta de Toledo*. Toledo, n. 2360, ano IX, p. 18, 14 e 15 de dezembro de 2002. Especial.

BEAL, Vitor. *Tempo de Heróis*. História de Toledo, oeste do Paraná: a parte esquecida que o tempo não conseguiu apagar. Toledo: GFM Gráfica e Editora, 2009.

BIDARRA, Zelimar Soares. O processo de urbanização e a preservação do direito à moradia em cidade de médio porte: um estudo de caso do Jardim Coopagro (Toledo/PR). *Revista GEPEC*. Toledo/PR: Unioeste, vol. 10, n. 02, pp. 67-81, jul./dez., 2006.

BATISTELLA, Alessandro. Os excluídos da história local: notas introdutórias acerca da expropriação dos indígenas e dos caboclos e a formação dos latifúndios no norte do Rio Grande do Sul. *Unoesc & Ciência*. Joaçaba/SC: Unoesc, vol. 5, n. 2, pp. 229-242, jun./dez. 2014.

BOSI, Antonio de Pádua. Paternalismo e racismo: história dos trabalhadores da Vila Operária da Frirondon (1963-1979). *Tempos Históricos*. Marechal Cândido Rondon/PR: Unioeste, vol. 20, pp. 227-255, 2. Semestre de 2016.

CALVO, Célia Rocha. Muitas memórias, outras histórias de uma cidade. Lembranças e experiências de viveres urbanos em Uberlândia. In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004. p. 155-172.

COLOGNESE, Silvio Antônio. (org.). *Ruas de Toledo: identidades que se cruzam*. Cascavel: Edunioeste, 2011.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas-SP: Ed. Unicamp, 2001.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2007.

“EMPRESAS EXISTEM para fazer as pessoas felizes”. *Oeste*. Cascavel/PR, ano IX, n. 89, pp. 6-10, dezembro de 1993. Entrevista. p. 8.

FERREIRA, Edílio. Presentes de aniversário. *A voz do Oeste*. Toledo/PR, ano VII, n. 189, p. 3, 14 de dezembro de 1974. Falei e disse.

GONZALEZ, Emilio. As camadas da Memória: a produção de marcos memorialísticos na historiografia regional do oeste do Paraná (Marechal Cândido Rondon – 1950 – 1990). *Tempos Históricos*. Marechal Cândido Rondon/PR, v. 05/06, pp. 185-219, 2003/2004.

GRONDIN, Marcelo. *O alvorecer de Toledo: Na colonização do Oeste do Paraná (1946-1949)*. Marechal Cândido Rondon: Germânica, 2007. pp. 185-187.

GRUPO MEMÓRIA POPULAR. Memória popular: teoria, política, método”. In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004. p. 282-295.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004. pp. 116-138

KNOTTER, Ad. Mineração de carvão, migração e etnicidade: uma história global. *Revista Mundos do Trabalho*. Florianópolis: UFSC, vol. 7, n. 14, pp. 13-35, jul./dez. 2015.

JACK, Joan. Classe, etnicidade e gênero no Brasil: a negociação de identidade dos trabalhadores na Greve de 1906, em Porto Alegre. *Métis: história & cultura*. Caxias do Sul/RS: UCS, vol. 2, n. 4, pp. 181-224, jul./dez. 2003.

LAVERDI, Robson. *Tempos diversos, vidas entrelaçadas: trajetórias itinerantes de trabalhadores na paisagem social do extremo oeste Paranaense (1970-2000)*. Curitiba: Aos quatro ventos, 2005.

LUCENA, Célia Toledo. *Artes de lembrar e de inventar: (re)lembranças de migrantes*. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

MARQUETTI, Délcio e SILVA, Juraci Brandalize Lopes da. Cultura cabocla nas fronteiras do sul. In: RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir José; ZARTH, Paulo A. (orgs.). *História da fronteira sul*. Chapecó/SC: Ed. UFFS, 2016.

MONDARDO, Marcos. Os caboclos no Sudoeste do Paraná: de uma “Sociedade Autárquica” a um grupo social excluído. *História em reflexão*. Dourados/MS, UFGD, v. 2, n. 3, pp. 1-21, Jan./jun. 2008.

NIEDERAUER, Ondy Hélio. *Toledo no Paraná: a história de um latifúndio improdutivo, sua reforma agrária, sua colonização, seu progresso*. 2. ed. Toledo: Tolegraf, 2004.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. *Projeto História*. São Paulo, PUC/SP, n.º 15, pp. 51-71, abril de 1997.

WACHOWICZ, Ruy Christowam. *Obrageiros, mensus e colonos: História do Oeste Paranaense*. Curitiba: Ed. Vicentina, 1982.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, e AMADO, Janaína (orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 103-130.

PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d’Água, 2004. p. 296-313.

PUJANÇA ECONÔMICA. *A voz do Oeste*. Toledo/PR, ano VII, n. 189, capa, 14 de dezembro de 1974; TOLEDO DE todos nós. *A voz do Oeste*. Toledo/PR, ano VII, n. 189, p. 3, 14 de dezembro de 1974. Editorial.

SCHMIDT, Róbi Jair. *Cenas da constituição de um mito político: memórias de Willy Barth*. Cascavel/PR: Edunioeste, 2001.

SILVA, Oscar; BRAGAGNOLLO, Rubens; MACIEL, Clori Fernandes. *Toledo e sua história*. Toledo: Prefeitura Municipal de Toledo, 1988.

SOUCHAUD, Sylvain. A visão do Paraguai no Brasil. *Contexto Internacional*. Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, pp. 131-153, jan./jun. de 2011.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1981.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOLEDO É pólo educacional e universitário. *Gazeta de Toledo*. Toledo/PR, ano IX, n. 2360, p. 19, 14 e 15 de dezembro de 2002. Especial.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Aun. *A pesquisa em história*. São Paulo: Ática, 2007.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar ed. 1979.

Entrevistas Orais

José, ceramista aposentado, morador do Jardim São Francisco de Toledo -PR. A entrevista foi realizada em 12 de janeiro de 2009, quando ele contava 72 anos.

Lázaro, aposentado, morador do Jardim Porto Alegre de Toledo-PR. A entrevista foi realizada em 20 de janeiro de 2009, quando ele contava 66 anos.

Recebido em: 12 de março de 2017

Aceito em: 04 de julho de 2017